

Saramago em Revista: A face de Deus que não foi dada a tapa em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*¹

Frederico Helou Doca de Andrade²

Universidade de Marília

RESUMO

Este artigo caracteriza-se como uma proposta de discussão sobre a polêmica causada quando do lançamento do romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, em novembro de 1991. Baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental, privilegiando as reportagens das revistas *Veja* (*Cristo e o Deus cruel*) e *Isto É* (*O Quinto Evangelista*), que resenharam a controversa obra do escritor português. A título de conclusão, consideramos que a abordagem que os periódicos dão ao lançamento do romance ficcional é básica e voltada a leitores menos cientes das idéias sacrílegas e humanistas por trás da história mais famosa desde a criação do mundo, a de Jesus Cristo, alterada e moldada com o barro misturado à vulnerabilidade dos mortais, sendo José Saramago o autor de tamanha paródia herege aos olhos da Igreja Católica.

Palavras-chave: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*; Revista *Veja*; Revista *Isto É*.

ABSTRACT

This article is focused on the proposition about a polemic discussion because of the release, in Brazil, of *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (*The Gospel According to Jesus Christ*), a novel written by José Saramago and released here on November, 4, 1991. Our methodology was based on the analysis of documents and literature concerned to both novel and author. More specifically, our documental support was given by two articles published in very important magazines spread nationwide, *Veja* (*Christ and the Cruel God*) and *Isto É* (*The Fifth Evangelist*), which review that controversial masterpiece. Thus, we consider that the approach contained in the release reports have a superficial content if compared to the bogus story told by the Portuguese writer – the most famous fiction since the creation of the world – altered and modified with the humanist mud by the hands of a communist who parodies heretically before Catholic eyes.

Key-words: *The Gospel According to Jesus Christ*; *Veja* magazine; *Isto É* magazine.

¹ Texto apresentado no Seminário “Saramago: do convento à arena midiática”/ VI Seminário de História da Mídia. Marília, Unimar, 23/08/2007.

² Graduando em Letras pela Universidade de Marília (Unimar) - fredhelou@gmail.com

Por que José Saramago causou tanta polêmica ao escrever a história mais famosa da humanidade às avessas?

Este ateu convicto, comunista, ganhador do prêmio Nobel de literatura de 1998, extremamente questionador do mundo, é uma esfinge de 84 anos, sendo que há mais de 20 tem como ofício ser escritor. Ao publicar o romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, escandaliza o mundo cristão na década de 1990 com uma narrativa ficcional em que Jesus Cristo mantém relações conjugais com Maria Madalena e é o primogênito de uma prole numerosa do casal Maria e José. Essas são apenas algumas efemérides do Jesus humanista.

Dotado de uma criatividade divina, Saramago teve uma educação que ignorou os padrões convencionais de uma nação embriagada de padres, bispos, carolas, catedrais, terços e tantos outros signos religiosos.

Para aqueles que acham que Saramago não se apoiou em nenhuma literatura canônica a respeito da vida de Cristo, enganam-se. O escritor analisou muito bem os fundamentos históricos e religiosos acerca dos 33 anos de existência do homem que foi crucificado para salvar a humanidade dos pecados. Mesmo descrente dos dogmas católicos, o autor de fato tocou o dedo do deus pintado com magnificência por Michelangelo, na capela Sistina, adornada, ironicamente, pelas mãos do humanista renascentista,

(...) embora seja uma pessoa que não crê, não tem fé, ou, para usar a palavra certa, seja ateu, não posso ignorar que vivo num mundo que não é edificado na ausência da idéia de Deus, mas, ao contrário, foi todo ele feito na suposição de uma entidade sobrenatural, transcendente, pai da criação. (TOLEDO, 1991, p. 90)

Na seqüência dessas palavras, proferidas em entrevista à revista *Veja*, de 6/11/1991, Saramago rememora de que maneira teve a idéia do título do romance. Transcrevemos, abaixo, o excerto que põe isso em moldura:

(...) jamais lhe teria ocorrido a idéia de escrever a história de Jesus, não fosse um pequeno incidente em Sevilha, em maio de 1987.

Saramago acabava de atravessar uma rua quando julgou ler, entre as publicações que eram exibidas numa banca de jornais, uma inscrição que dizia, “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. Não se deteve e continuou a caminhar, mas, 20 metros adiante, parou e pensou: “Será que li isso mesmo?”. Saramago voltou à banca, examinou tudo ali atentamente. Não, em nenhum lugar estava escrito “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. Conclui o ateu empedernido, que nunca teve uma educação religiosa, nascido que foi em uma família indiferente à religião. (TOLEDO, 1991, p. 90)

Como podemos perceber, o autor do “desevangelho” teve um tipo de visão sobre a matéria-prima de seu romance herético. Contraditório ou não, o fato é que nenhum dos quatro evangelistas teve seu nome vislumbrado pelo português, após ter julgado ler uma inscrição surpreendente. Saramago, discordante dos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, presenciou um tipo de milagre – o da multiplicação das imagens idéias, em meio a um aparente emaranhado de publicações expostas para o consumo de leitores ávidos por informação.

Após esse incidente, ocorrido em um país extremamente católico, nosso anti-salazarista dessacralizou uma das figuras mais populares de todos os tempos: Jesus.

Como o próprio título sugere ao leitor, o evangelho que é proposto àquele que atrever-se a folhear páginas nada beatas, deparar-se-á com uma autobiografia, isenta da parcialidade de Mateus, Marcos, Lucas ou João.

Chamamos a atenção para o curioso ateísmo cristão do ribatejano, que é declaradamente ímpio:

Embora seja uma pessoa que não crê, que não tem fé, ou, para usar a palavra certa, seja ateu, não posso ignorar que vivo num mundo que não é edificado na ausência da idéia de Deus, mas, ao contrário, foi todo ele feito na suposição de uma entidade sobrenatural, transcendente, pai da criação”. O autor tem outra admirável fórmula para dizer essa mesma coisa. “Eu não creio em Deus”, afirma. “Mas,

se Deus existe para os outros, existe também para mim". (TOLEDO, p. 92, 1991)

Muito contraditórias tais afirmações, assim como paradoxais. Levam os leitores e afins com as idéias marxistas de Saramago a pensar que o escritor, então, admite a existência do todo-poderoso. Logo adiante, a partir do seguinte trecho contido no artigo de *Veja*, "*Conclui o ateu empedernido, que nunca teve uma educação religiosa, nascido que foi em uma família indiferente à religião, nem foi jamais espicaçado pelas inquietações do transcendente*", perscrutamos que a "manjedoura" na qual foi embalado não tinha resquícios de palha, a matéria-prima para embalar o bebê Moisés a sua vida de devoção a Deus.

Posto isso, Saramago brinca com os receptores de toda essa estética vermelha por fora, mas de certo modo branca por dentro, pois ele mesmo admite que Deus existe. Os desconfiados dessa dicotomia do "acredito ou não" poderão pedir provas mais cabais do açúcar que foi polvilhado no amargo autor, mas não nos deteremos nesse dilema, pois enfocaremos a descortinação de uma dúvida muito mais pertinente ao criador do que à criatura: os traços de negrume deixados no cinzel moldador de um texto literário muito original, que construiu a face talvez desintegrada de nosso Deus "bondoso" e "misericordioso".

Jesus Cristo ou Jesus de Nazaré, dentro da narrativa saramaguiana, é um humanista convicto, que a todo instante tenta livrar a humanidade de caprichos e ações egoísticas do arquiteto de todas as coisas existentes na Terra. Se pensarmos de maneira análoga, encontraremos semelhante embate, contudo entre deuses, em *Os Lusíadas*. A deusa Vênus, na epopéia camoniana, é um tipo de anjo da guarda dos navegadores lusitanos, pois intercede por eles contra os estratagemas de Netuno e Baco.

Mas detenhamos-nos no tom diabólico que José Saramago confere ao deus que alimenta a fé de milhões de cristãos espalhados pelo mundo. O Deus presunçoso, onipotente, abusa de seus poderes e perfeição a todo instante em detrimento dos homens. Utiliza-se de vários ardis para fazer com que seu filho, Jesus, alcance um objetivo extremamente maligno e predador – o de ver o máximo de vidas possível avultando uma carnificina hedionda em nome da cruz,

Desde há quatro mil e quatro anos que venho sendo deus dos judeus, gente de seu natural conflituosa e complicada, mas com quem, feito um balanço das nossas relações, não me tenho dado mal, uma vez que me tomam a sério e assim se irão manter até tão longe quanto a minha visão do futuro pode alcançar, Estás, portanto, satisfeito, disse Jesus, Estou e não estou, ou melhor, estaria se não fosse este inquieto coração meu que todos os dias me diz Sim senhor, bonito destino arranjaste, depois de quatro mil anos de trabalho e preocupações, que os sacrifícios nos altares, por muito abundantes e variados que sejam, jamais pagarão, continuas a ser o deus de um povo pequeníssimo que vive numa parte diminuta do mundo que criaste com tudo o que tem em cima, diz-me tu, meu filho, se eu posso viver satisfeito tendo esta, por assim dizer, vexatória evidência todos os dias diante dos olhos, Não criei nenhum mundo, não posso avaliar, disse Jesus, Pois é, não podes avaliar, mas ajudar, podes, Ajudar a quê, A alargar a minha influência, a ser deus de muito mais gente, Não percebo, Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que em pouco mais de meia dúzia de séculos, embora tendo de lutar, eu e tu, com muitas contrariedades, passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega, E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé. (SARAMAGO, 1991, p. 370)

No tom desse diálogo com seu filho, o leitor atento claramente nota que Deus está agindo de maneira cruel. Pelo modo que fala, o criador parece ter sangue borbulhando em seus olhos inatingíveis, sedentos de poder. José Saramago caracteriza a figura complacente e piedosa para os cristãos como um ditador sanguinário, disposto a engendrar qualquer coisa para alcançar seus objetivos – daí seu romance ter tido críticas nada favoráveis na mídia do mundo inteiro.

É interessante perceber como o periódico alerta seus leitores de maneira instigante, para que não cometam o "erro" de lerem tamanha ficção herege e sacrílega, talvez, no

pensamento do senso comum, capaz de converter ao ateísmo um séquito de cristãos insatisfeitos com o Deus multifacetado dos mais diversos tipos de cultos, inclusive daqueles que irrigam as esperanças de pessoas murchas em auto-estima e ambição, ignorantes que são por meio da manipulação, por exemplo, por videoconferência, arquitetada como *marketing* no *shopping center* da fé, simbolizado, aqui, pela mais nova seita deflagrada pela mídia em virtude de um envolvimento em corrupção por parte de seus bispos, os reis que vão renascer. Tendo folheado essas entrelinhas, voltemos ao “aviso” aos compradores da revista, só a título de ilustração: “Aos religiosos, recomenda-se até que interrompam a leitura deste artigo, pelo que vem a seguir, se se sentem ofendidos por uma interpretação livre, profana e mesmo anti-religiosa da vida de Jesus”. (TOLEDO, p. 93, 1991). Notem os leitores de nosso texto que isso se parece muito com os jargões televisivos do tipo “tirem as crianças da sala” ou “se você tem estômago fraco. . .”.

Passamos, daí, a palavra ao acusado, o grande e injusto ateu português, que tem em seus óculos fundo de garrafa refletida a luz inquisitória da opinião pública tanto de 16 anos atrás, como dos dias de hoje, “*O que quis fazer foi recontar a vida de Jesus a partir de um ponto de vista atual, sem me esquecer do mundo e da época em que vivo (. . .) Não é uma releitura da Bíblia e muito menos uma reconstrução arqueológica dos fatos.*” (ROLLEMBERG, 1991, p. 68)

O artigo de Rollemberg vai mais adiante na “defesa” do réu,

Nessa sua interpretação, Saramago vai por um caminho que, se se defronta com a visão da Igreja, vai ao encontro de uma corrente dita “histórica”, que prefere ver as personagens bíblicas como seres humanos, e não como divinos, localizando-os no contexto sócio-cultural judaico de 20 séculos atrás. Alguns historiadores afirmam, por exemplo, que Jesus não foi o único filho de Maria e José. Saramago faz coro com esta tese e, em seu livro, os pais de Jesus têm mais oito filhos. Jesus é o primogênito que escapou do anonimato. (ROLLEMBERG, 1991, p. 68)

Esse Jesus de carne e osso, acessível a seus seguidores é questionador, contesta os atos de seu pai, mas só vai conhecendo as respostas do maniqueísmo divino à medida que atende os caprichos deste, fazendo-o de maneira manipulada, pois Cristo, sendo um ser humano, e não um ente invulnerável, pode ser traído, enganado, como todo homem, um dia, é.

O Pastor, no romance, é o opositor de Deus, é o Diabo. Ao contrário do que acontece na Bíblia, no Novo Testamento, mais especificamente no Evangelho de Mateus, aquele não tenta nosso salvador a desvirtuar-se de seu propósito maior, mas sim tenta dar o antídoto contra o envenenamento que o Pai aplicou-lhe na mente e no coração. É curioso observamos, também, que Satanás está por trás das vestes do mendigo que, no começo da narrativa, pede um prato de comida a Maria. Temos, então, nas entrelinhas, que Lúcifer é o anjo Gabriel, inúmeras vezes retratado nas pinturas renascentistas da *Anunciação*. É como se o Diabo quisesse dizer a Maria que ela carrega uma esperança contra as vilanias daquele que o expulsou do paraíso.

Na cena da barca, já quase no desfecho do romance, Jesus fica no meio de seus “dois” pais, o Pastor, com quem passara quatro anos trabalhando na lida com as ovelhas e o pai que lhe fora revelado inesperadamente. Seria Deus o pai bom e o Pastor o pérfido? Jesus, indubitavelmente, é a ovelha que será sacrificada para purificar o sangue daqueles que querem tosquiá-lo até a alma, usufruindo de sua castidade, benevolência e preocupação exacerbada com a raça humana. Cristo, ingenuamente, vê-se tripartido – é humanista, inquestionavelmente, mas tem dois corvos pousados em seus ombros, quase indissociáveis, muito semelhantes. Salma Ferraz revela-nos:

As relações perigosas entre os dois intensificam-se por meio das constantes pistas fornecidas pelo narrador: “Jesus olhou para um, olhou para outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, **eram como gêmeos**, é certo que o Diabo parecia mais novo, menos enrugado, mas seria uma ilusão dos olhos ou um engano por ele induzido”. (FERRAZ, 2003, p. 174)

Deste modo, os papéis são invertidos, pois Deus revela sua face mais satânica, ao passo que Satanás dá sua cara a tapa, a de “bom moço”, sem a hipocrisia de seu inimigo. O leitor deste artigo, assim como do romance, perguntar-nos-á: então Saramago posicionou-se, como narrador, o tempo todo a favor do Diabo? Sim, levando-se em conta a ideologia do escritor que, sem sombra de dúvidas “contamina” a ideologia do narrador, uma vez que um está dentro do outro. Conseqüentemente, o sentimento de negação a todos os ensinamentos bíblicos, a todo o endeusamento das imagens representativas dos santos, da eucaristia, dos dez mandamentos, ou seja, a tudo que se refira à Igreja Católica Apostólica Romana, elucida-se na tomada de posicionamento a favor dos homens que o Pastor/Diabo efetua.

A imagem negra de Deus, pintada por Saramago, agrega um negror ainda maior neste excerto da reportagem-resenha da revista *Veja*:

TEOLOGIA DO ATEU – Mas esse Deus geopolítico é quase nada, é pouco mais que uma anedota do autor. Onde Saramago fica sério e opõe seu Jesus humano ao Deus implacável lá de cima é quando ele lembra que a esse Deus só satisfazem as culpas e os sacrifícios. “É como se o homem só pudesse chegar a Deus pelo sofrimento, não pode chegar pela alegria”, disse Saramago a VEJA. Na teologia deste ateu, “o interlocutor do homem tem de ser o próprio homem, eu não tenho de chegar ao outro diretamente, por uma fraternidade óbvia”. Os martírios e as paixões a que a humanidade foi submetida em nome da religião, o sofrimento, a intolerância, enfim, todo o coquetel envenenado reunido no cálice que Jesus queria afastado de si explodem em outras das frases geniais do livro: “É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue”. Quem a pronuncia é o diabo. (TOLEDO, 1991, p. 94)

Encerram-se as dúvidas que o leitor poderia ter acerca do posicionamento que o autor/narrador toma a favor do Diabo, em contraposição à face boazinha do Deus que é ensinado nos milhões de curso dominicais de catequese.

Ainda tomando o romance como foco, nosso escritor odiado e amado por ter tirado o véu do fanatismo católico dos rostos suplicantes de respostas aos mistérios do mundo, fazendo com que sintam a verdade dolorosa sobre o que está por trás da “santa” Igreja, escreve o que talvez seja uma das frases mais célebres do livro, no momento em que Jesus encontra-se crucificado, simbolizando o plano bem-sucedido do Pai e o fracasso daquele que a todo instante tentou revelar a face podre do criador, tradução do descontentamento de Jesus em relação a seu pai: “*Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez*”. (SARAMAGO, 1991, p. 444).

Considerações

Tendo em vista a análise do romance às avessas escrito por um dos maiores nomes das literaturas portuguesa e mundial, sob a ótica de uma linguagem estrangeira aos cânones literários, o jornalismo impresso em forma de revista, concluímos que a abordagem dada pelos artigos da revistas *Isto É* e *Veja* tende a ser superficial e tendencioso, uma vez que esse tipo de artigo, caracterizado por resenhar a obra a fim de convidar os leitores à leitura de toda a ficção, mascara algumas questões cruciais e extremamente polêmicas do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, como por exemplo a descrição da face diabólica de Deus, escancarada para quem quiser sujeitar-se a um tipo de verdade nunca difundida no meio do mundo cristão. Um fato não mencionado à época do turbilhão de críticas desfavoráveis à obra, à época de seu lançamento, foi o de que Saramago foi extremamente rechaçado em seu país, já que a nação lusitana prima pela manutenção dos bons costumes, tradição, valores imutáveis, conservadores e de direita, além de uma hipocrisia sob o rostos da sociedade, tantas vezes revelada por Eça de Queiroz em romances como *Os Maias* ou *A Relíquia*. Além disso, a mídia brasileira não deu a devida atenção à chegada do desevelho às prateleiras das livrarias brasileiras, pois observamos que houve pouca divulgação ao grande público leitor por meio dos meios de comunicação impressos, como os importantes jornais *Folha de São Paulo* ou *O Estado de São Paulo*. Em nossa pesquisa no Arquivo do Estado, não foram encontrados artigos ou matérias que citassem o lançamento do romance no país.

Além de tais considerações, ainda percebemos que o diálogo estabelecido entre o articulista e o público tangencia a parcialidade, pois o correspondente enviado a Lisboa tende, em alguns instantes, a exultar José Saramago

desnecessariamente, chegando até a ovacioná-lo e elogiá-lo com uma certa eloqüência de admirador de seus estilo inconfudível.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu*. Blumenau: Edifurb, 2003, p. 147-193.

_____. *Ensaio – Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Saramago*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997, 113 p.

_____. Os vislumbres de Deus na obra de um ateu – José Saramago. *Revista de Dibulgação Cultural*, Blumenau, nº. 79, ano 23, p. 10-20, abr. 2003.

ROLLEMBERG, Marcello. O quinto Evangelista. *Isto É*, São Paulo, nº. 1154, p. 68-69, nov. 1991.

SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, 445p.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Cristo e o Deus cruel. *Veja*, São Paulo, edição 1207, p. 90-96, nov. 1991.